



Fale comigo

Peça inspirada no texto Fala comigo Doce como a Chuva de Tenesse Williams

“Faz tanto tempo que não estamos juntos a não ser como dois estranhos vivendo juntos... Então fala comigo como se fosse a chuva e me deixa ouvir...”

Tenesse Williams

RELEASE –

Num pequeno quarto, um jovem casal se relaciona com seus devaneios, sonhos, desejos, numa realidade monótona que parece se repetir. A chuva é constante e revela a possibilidade de mudança da situação atual dessa relação. O diálogo revela incomunicabilidade, procrastinação e muitas vezes falta de amor próprio, ainda que haja o desejo e a esperança de transformar e trazer nova vida à relação.

PROPOSTA DE ENCENAÇÃO

“Fala Comigo Doce Como a Chuva” (Talk to me like the rain and let me listen), escrita em 1953 por Tennessee Williams é o texto base da cena *Fale Comigo*. Inspirados pelo trabalho de atuação com estudo, pesquisa, improvisação, criação e montagem, os atores Danielle Rosa e Marcelo Dalourzi se debruçam sobre o texto para a criação de uma cena que traga o universo das relações humanas como mote principal. Fale Comigo surge do desejo dos dois atores se entrelaçarem num projeto artístico de criação em que se tenha um tempo de maturação do estudo até se chegar na obra.

O texto base possui rubricas cheias de lirismo e poesia que dá aos atores ferramentas necessárias para a criação. Com o desejo de realizarem a cena com a estrutura apresentada por Tennessee e com muitos fragmentos de seu texto, os atores brincam num jogo de improvisação em que deixam claro através de ações e textos o cotidiano do casal, cruzando eixos paradigmáticos de sonho, memória e realidade numa brincadeira com o próprio tempo, trazendo a chuva como elemento presente e vivo durante toda a cena, como algo fluido, em constante movimento, o que entra em contraponto com o que fica evidenciado no diálogo de ambos: a incomunicabilidade na inércia.

Percebemos que a tecnologia tem se tornado ferramenta de segregação, a vida virtual hoje é algo que possui grande influência na vida das pessoas e tem gerado cada vez mais espaços para relações pautadas na não presença real. Na cena não há celular, televisão, computador, apenas a menção a um relógio que nem está presente na cena, apenas o relógio de pulso no braço do homem. Mesmo assim ele parece não possuir relação alguma com ele, como se o tempo como se contabiliza não existisse. A cena levanta também a questão sobre a presença no estado presente, pois ambos estão no quarto em um “diálogo” e ao mesmo não estão presentes nem no diálogo, nem na relação. Quantas vezes dialogamos com alguém que está “presente” e ao mesmo tempo está noutro lugar devido a tecnologias ou simplesmente por uma comunicação ausente. As redes sociais atuam também nesse lugar, criam espaços virtuais imaginários e nos tiram do presente para esta outra presença. A cena traz na relação do casal questões a serem levantadas e discutidas sobre todo tipo de relação humana, mesmo que neste caso seja um relacionamento afetivo, pois é referente ao ser humano a comunicação.

O que faz um casal se manter numa situação em que ambos já não consegue mais estabelecer o diálogo, vivendo em mundo paralelos, com desejos paralelos? Ainda assim, eles criam uma teia numa relação de interdependência em que ambos não conseguem sair, ficando aprisionados em seus próprios devaneios, sonhos e desejos. Será que eles não criaram essa dependência de forma proposital para se manterem juntos?

O texto de Tennessee é recheado de símbolos e a cena segue este mesmo caminho trazendo novos símbolos. A chuva, o relógio, a água, o gelo, as roupas são símbolos presentes desde o texto, estes trazem referências ao universo do casal de forma individual, em que partindo do texto do homem nos é revelado sensações interiores da personagem, por exemplo: a sujeira, a inquietude de estar num espaço fechado, congelado, confuso e sempre tentando compreender o tempo. Na cena, outros símbolos foram incorporados, como por exemplo: o longo tecido sendo bordado, a mala aberta com roupas e livros. Há um desejo de ampliar a percepção

na relação e o fato dela – a mulher - estar bordando o longo tecido traz a questão do tempo alargado em que ambos estão presos no quarto e também da inércia diante a situação. A mala aberta com roupas sugere movimento, como se um dos dois houvesse chegado de algum lugar ou estivesse se preparando para uma mudança. Isso fica presente no texto da mulher quando narra seus sonhos de partida, porém no auge de seu discurso o homem a traz de volta para a “realidade” a chamando para se deitar na cama para dormir. As cores branco e azul estão bem presentes no texto de Tennessee e na cena eles colocam o azul na imagem das grandes janelas venezianas como a possibilidade de ver o mundo através de um portal de luz. A mulher coloca o branco no texto em relação ao que ela irá vestir, a cor dos cabelos no futuro, às ondas do mar e concretamente no tecido que está tecendo desde o princípio, trazendo o desejo de uma leveza e pureza que talvez não se encontra interiormente. A referência do vento e chuva também traz a sensação de limpeza de algo que gera incômodo, mas que não está visível na cena. A sensação é sempre de uma ida e volta a algum lugar, como se eles sugerissem um movimento interior que nunca é revelado nas ações. Ambos vivem deslocados do tempo presente, ele narra o passado, traz a memória como fio condutor de seu texto, ela narra o futuro, traz o acontecimento que virá como inspiração de seus dias.

A PEÇA EM QUADROS -

QUADRO 1 –

Duas cadeiras na cena. Uma cama ao centro. Um homem na cena procurando algo em uma mala, uma mulher costurando um longo tecido branco, ao seu lado um copo com água. Em alguns momentos bebe água.

QUADRO 2 -

Os dois ao centro da cena, a cama vira o elo.

QUADRO 3 -

Ele na cama deitado. Ela sentada a frente, ora no chão frente a mala, ora na parte da frente da cama. Intercala as ações nesses lugares.

QUADRO 4 -

Ele à frente da cama, na cadeira. Ela deitada

QUADRO 5 -

Ambos em suas respectivas cadeiras. Transitam pela cena.

QUADRO 6 -

Se encontram na cama ao centro da cena.

TEMPO DE DURAÇÃO: 54 minutos

FICHA TÉCNICA -

Pesquisa Dramatúrgica - Obra de Tennessee Williams

Texto base para pesquisa – Fale Comigo Doce como a Chuva

Proposta e pesquisa cênica – Danielle Rosa e Marcelo Dalourzi

Atuação – Danielle Rosa e Marcelo Dalourzi

Iluminação – Marcelo Dalourzi

Técnico 1 – Victor Gally (convidado)

Técnico 2 – Tony Reis (convidado)

Vídeo – Victor Gally

Trilha – Bachianas Brasileiras número 4 de Villa Lobos - domínio público

Som de chuva – domínio público

Artista Responsável pela comunicação – Danielle Rosa

O TEXTO COMO PRÉ-TEXTO : CRIAÇÃO BASEADA E INSPIRADA NO TEXTO ORIGINAL DE TENNESSE WILLIAMS “FALA COMIGO DOCE COMO A CHUVA” -

**Como parte de improvisos, o texto sempre pode ser alterado a cada
apresentação.**

FALE COMIGO

Peça inspirada no texto Fale comigo doce como a chuva de Tennessee Williams a partir de
improvisos dos atores em imersões.

Peça em um ato

Personagens

Ele

Ela

Pré-Cena - Cotidiano

Enquanto o público se acomoda no espaço, ele e ela estão sentados. Na trilha Bachianas Brasileiras número 4 de Villa Lobos. No quarto, uma cama e duas cadeiras. Um longo tecido branco. Uma mala com roupas. Ele pensativo de um lado junto a cadeira com a mala. Ela sentada na cadeira costura e sempre olha para o horizonte, ao seu lado um copo d'água que bebe vez ou outra. A cama ao centro entre eles. Mesmo com a trilha ao fundo, durante toda a peça há um silêncio ensurdecedor que incomoda.

CENA: 1 – Eixo realidade

ELE *docemente*: Que horas são? *(A mulher murmura)*.

O quê?

ELA : Domingo. Hoje é domingo.

ELE: Eu sei que hoje é domingo. Você nunca dá corda no relógio aos domingos.

Ele vai para a cama, se deita. Ela que continua costurando, pára, bebe um pouco de água. Ele a chama.

ELE : Vem pra cama meu bem! Vem pra cama!

Ela se levanta tira o penoir e se deita.

CENA 2 – As cenas seguintes são um misto de sonho X realidade X memória e trazem desejos e devaneios dos personagens. Fica aberto ao público fazer suas escolhas.

Eixo memória – as cenas trazem acontecimentos do passado da vida do casal

Ela se levanta sorrindo, pega um presente, o acorda. Eles comemoram o presente que traz uma notícia feliz.

ELE : *vendo o presente – Mas nem é o meu aniversário! Ela sorri. Se beijam. Ele abre o vinho. Brindam.*

ELE : *À nós três!*

Se beijam, se abraçam, se deitam.

CENA 3 –

Ela se levanta pega a boneca, sobe na cama e sorrindo diz o nome :

ELA : Ana Rosa!

Ela desce da cama, bebe um pouco de água, vai até a mala, encontra o diário, lê, escreve e começa a organizar as roupas. A luz muito forte em sua pele a deixa quase sem rosto, quase transparente. Ela pega o fio da costura e como se fosse tecer o tempo, eleva a boneca filha e mergulha num sonho em que vê/recorda a perda da filha, ela diz o seu nome.

ELA: Ana Rosa!

Canta: Ana Rosa, doce amada / só sem tu eu vou morrer / e daqui o além da vida / não seja o fim / pois eu jamais vou te esquecer / não seja o fim / pois eu jamais vou te esquecer.

A boneca cai. A música cessa. O silêncio é total. Ela cai num movimento lento e dançado. Começa a chover. O homem vê a ação. Se ergue para alcançá-la e não consegue.

CENA 4 –

Ele a observa. Ao chão, segura o tecido como um bebê. Canta a canção de modo sussurrado, dança com o tecido vermelho, bebe um pouco de água, se levanta e volta pra cama, se deita invertida.

CENA 5 –

Ele se levanta, vê a mulher, a agasalha com o cobertor, vai até a mala e vê o diário. A mulher acorda e o chama para a cama.

ELA: Volta pra cama amor!

Ele se levanta, volta para a cama e se deita.

CENA 6 –

Ela se levanta novamente, retira as roupas e faz a mala como se fosse partir, pega a boneca e a guarda na mala cuidadosamente, se veste, pega a mala e no primeiro passo desiste. Solta a mala ao chão. Ele acorda. Tira o sobretudo, bebe água, volta pra cama.

CENA 7 – Eixo memória / realidade

Ele se levanta, bebe, vê a mala fechada, abre, desfaz as roupas. Ela se movimenta como se sonhasse. Ele vê a boneca, se emociona com a lembrança. A mulher acorda, vê o homem mexendo nas coisas, se levanta e arruma a cama.

ELE : *procurando* – Você viu meu cheque? Sabe se eu descontei o meu cheque?

ELA : Sabe que dia é hoje?

ELE : Domingo. Você nunca dá corda no relógio aos domingos.

ELA : *interrompendo ele* – É, hoje é domingo mesmo.

Segue até sua cadeira, veste o penoir, se senta e costura, volta e meia bebe água.

ELE : *procurando* – Você viu meu cheque? Será que eu descontei o meu cheque? Eu não posso ter descontado. Você não viu o meu cheque?

ELA : Quando você saiu eu fui atrás de você, aí você voltou. Você voltou, pegou o cheque e deixou um bilhete. Um bilhete que eu não pude entender. E tinha um

número de telefone no bilhete. Aí eu peguei o telefone e liguei pra esse número, só que estava muito barulho lá.

ELE : Barulho aqui?

ELA : Não, barulho lá. A pessoa que atendeu o telefone disse: *Vem pra cá!* Só que eu não consegui escutar mais nada, estava muito barulho. A ligação caiu, eu peguei o telefone e liguei de novo, só que estava dando caixa postal

ELE : Quando eu acordei, eu estava dentro de uma banheira cheia de cubos de gelo. Eu me levantei naquele frio, saí da banheira e assim que eu coloquei os pés no chão quase não consegui andar, parecia que eu tinha levado uma surra. O corpo estava dolorido e cheio de hematomas. Essa cidade castiga a gente, as pessoas são muito más quando elas querem, elas fazem coisas que até Deus duvida. Daí eu andei alguns metros e tinha uma mesa com presunto, pães, restos de comida, tudo revirado, parecia que tinha acontecido uma briga lá. Presuntos inteiros, peças inteiras de queijo, de tudo que você possa imaginar... pratos quebrados, garrafas ao chão e eu lá.

ELA : E roupas?

ELE : Tinha, tinha roupas também, roupas de adulto. Do outro lado tinha calcinhas, soutiens, casacos de pele, casacos de lã.

ELA : E você estava lá?

ELE : Eu estava lá. Eu agora recitei a ladainha das minhas frustrações, indignações.

Ela bebe água.

ELA : Você quer água?

Ela bebe novamente e dá o copo para ele.

ELE : Quero!

ELA : Depois que você saiu eu não comi mais nada. Tinha até um café instantâneo mas acabou. Eu só bebi água.

Ela se levanta e começa a arrumar o tecido.

ELE : Mas me fala de você, faz tanto tempo que a gente não se fala, faz tanto tempo que a gente não se vê. *(Ele a abraça. Ela bebe água)*. Fala o que tem se passado com você. A gente não conversa mais, sabe... eu andei perdido, completamente perdido, frustrado, fraco, indignado e a gente se afastou tanto. Me fala de você. Me

fala de você doce como se fosse a chuva e eu vou ficar aqui, vou ficar aqui na cama te ouvindo.

ELA : Eu... eu...

ELE : Eu não vou falar nada.

ELA : Eu quero... eu quero ir embora... sozinha.

ELE : Você quer?

CENA 9 – eixo realidade / projeção do sonho

Ela durante a cena bebe água e transita entre a cama e a mala.

ELA : Eu quero ir embora sozinha. Eu quero abrir a porta e ver o mundo. (*Ele tenha acalmá-la. Ela murmura o desejo. Ele vai para a cama.*) Eu vou abrir a porta e virar a esquina e vou me deparar com um hotel desses bem pequenos, aí nesse hotel eu vou registrar meu nome falso, eu vou me chamar... eu vou me chamar Ana Rosa. Nesse hotel haverá uma camareira que todos os dias vai limpar o meu quarto, dobrar as minhas roupas, ela será muito gentil e transparente. Ela vai arrumar as minhas coisas e todos os dias pela manhã ela vai dizer: *Bom dia senhorita!* E eu vou responder: *Bom dia senhora!* Ela fará meu café todos os dias, todo dia ela fará tudo de novo e eu ficarei lá sentada, só observando. Todos os dias quando ela for embora, deixará um livro pra mim. Um livro de pessoas mortas. A minha relação com os autores será doce e transparente porque eu não vou precisar dar respostas pra eles, nem tocar neles... por que eu serei sozinha. Não terei amigos, nem sequer conhecidos. Todos os dias à tarde eu irei caminhar pela calçada e sentirei o vento transparente, depois vou pra areia da praia e vou perceber que já se passou muito tempo, muito tempo que eu moro naquele hotel sem contato com as pessoas, sem responsabilidade social, sem relações. Todo fim de tarde eu irei ao cinema, ficarei sentada nas últimas fileiras quieta, só observando todas aquelas pessoas imaginárias, pessoas das histórias. Quando estiver passando pela areia da praia eu vou olhar pelo reflexo das ondas e perceber que o meu cabelo está ficando branco, aí sim eu vou olhar o tempo e perceber que já se passaram 25 anos, 25 anos que eu moro naquele hotel sozinha. No meu quarto duas janelas com venezianas azuis. Eu ficarei deitada em minha cama ouvindo o murmúrio da chuva, a chuva doce e transparente. Outro dia caminhando pela calçada eu vou atravessar a rua e vou para o outro lado da praia por que eu não vou querer ficar do lado que antes eu passava, porque agora tocam aquelas músicas que eu não quero ouvir. Eu vou

olhar novamente no reflexo das ondas e ver que meus cabelos ficaram completamente brancos, eu vou perceber que se passaram 25 anos a mais, 50 anos, meio século. Eu vou vestir um vestido todo branco, branco como as ondas do mar, aí vou sentir o vento transparente tocando o meu corpo e eu serei magra, pequenina, quase irreal. Eu serei levada pelo vento transparente. Eu serei levada pelo vento até o princípio do espaço. Eu não serei mais ninguém, ninguém vai me esperar, eu não vou esperar por ninguém. Deve ser horrível esperar por alguém que nunca vai chegar. E eu irei continuar escutando o murmúrio da chuva. Eu quero! Eu quero ir embora.

ELE : Você irá cultivar flores?

ELA : Flores? Eu não sei. As flores são pequeninas. Eu serei pequenina como as flores. Eu quero ir embora sozinha.

Canta sussurrando e soltando a trança do cabelo – Flor / pequenina flor

Eu ficaria ouvindo o murmúrio da chuva em meu quarto sozinha.

CENA 10 – Eixo realidade

ELA : Você vai ficar?

ELE : Eu não sei. Sinceramente não sei.

ELA : Já vai amanhecer.

ELE : Eu sempre gostei dessa hora do dia. É um momento de renovação.

ELA : Há quanto tempo a gente está aqui? Que horas são?

ELE : Eu também não sei. 5:00 OU 5:30 talvez.

ELA : Mas hoje é domingo.

ELE : O dia que você nunca dá corda no relógio. O seu dia honrado.

Ela tira o penoir.

Você já tomou sua decisão, é sozinha que você quer ir?

ELA : Eu quero ir embora sozinha.

ELE : Quando foi que a gente se perdeu? Depois do quê a gente se perdeu? Essa é a minha pergunta diária.

ELA : Faz muito tempo que a gente não abre o diálogo. Fala comigo. Fala comigo doce como se fosse a chuva.

ELE : Eu... eu já não sei mais. Talvez você tenha razão, talvez o melhor seja você ir embora sozinha...

ELA : ... e abrir a porta e ver o mundo

ELE : ... e viver num quarto de hotel, não é isso?! Sem compromisso social.

ELA : ...mas a porta está fechada e eu não tenho a mais a chave...

ELE : que chave é essa que você tanto fala? Que chave é essa?

ELA : Que horas são?

ELE : 5:30

ELA : ... mas hoje é domingo.

ELE : ... as horas passam mesmo que seja domingo

ELA : ...mas é você quem nunca dá corda no relógio.

PAUSA

E se a gente começasse tudo de novo?

ELE : Se casar de novo seria divertido. Reunir todos. Cortar o bolo. Cruzar as taças...

ELA : Então vamos fazer um brinde.

Pega as taças para o brinde.

Vem, vamos fazer um brinde.

ELE : Ao novo futuro?

ELA : A nós dois!

Brindam. Ele deposita a taça em pé.

ELE : Pode ficar com o cheque, ele é muito mais seu do que meu.

ELA : Pode ficar com o bilhete. (*Ela deposita a taça invertida.*) Vamos pra cama amor!

Ela se deita. Ele a agasalha com o cobertor. E a abraça.

OS PERSONAGENS: ELE E ELA



DANIELLE ROSA É ELA

MARCELO DALOURZI É ELE



ATORES DANIELLE ROSA E MARCELO DALOURZI MERGULHAM NUM JOGO DE IMPROVISOS DA VIDA DOS SEUS PERSONAGENS.



DANIELLE ROSA E MARCELO DALOURZI EM CENA NO TEATRO OFICINA EM SÃO PAULO

“... e se a gente começasse tudo de novo?”

Ela



CURRÍCULO RESUMIDO DOS ARTISTAS

DANIELLE ROSA
ATRIZ



Artista da Cena. Atriz e Professora de Teatro graduada pela Universidade Federal da Bahia. Iniciou seus estudos em teatro no ano 2000 em Vitória da Conquista, interior da Bahia.

Em 2003, na capital baiana, Salvador, fundou o grupo de Teatro Finos Trapos, atuando em seus cinco espetáculos de repertório. Ainda em Salvador atuou no grupo de Teatro Os 50'tões (atual Toca de Teatro), ingressando como aluna especial do Departamento de Pós-Graduação de Música da UFBA - Universidade Federal da Bahia. Pós-graduação em Canção Popular pela FASM.

Em março de 2010 mudou-se para São Paulo, ingressou como aluna especial do Departamento de Pós-Graduação em Artes Cênicas da USP - Universidade de São Paulo. Em 2011 integrou o Núcleo Experimental de Artes Cênicas do Sesi, coordenado pela Profa. Dra. Maria Thaís, atuando em 2012 no espetáculo Máquina de Escrever Reticências, dirigido pela Profa. Dra. Beth Lopes. Ainda em 2011 ingressou no projeto da Universidade Antropófaga, juntamente à Associação Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona sob a direção de Zé Celso, na qual atuou nos espetáculos-ritos Macumba Antropófaga, realizando turnê pela Europa - na Bélgica e Portugal - junto à Associação no início de 2012 com o espetáculo Bacantes, e ainda Acordes, Cacilda!!! A Glória do TBC, Cacilda!!!! A Fábrica de

Cinema e Teatro, Walmor e Cacilda 64 - RoboGolpe, Cacilda!!!! A Rainha Decapitada, o projeto Odisséias Cacildas e em O Banquete, Mistérios Gozosos. O Rei da Vela e Roda Viva. Atuou nos longas A Bruta Flor do Querer, de Dida Andrade (2013); Asco, de Ale Paschoalini (2015); Maniva, de Roberto Jaffier (Pós-Produção) e Além do homem, de Willy Biondani (Pós-Produção), Meio Irmão de Elaine Coster, 30 Anos Blues de Dida Andrade e Andradina Azevedo e Bula de Boris Baumm. Desde 2013 é integrante integrante do projeto de Poesia Cantada no Pequeno Funeral Cantante: Odes Mínimas para Hilda Hilst. No Teat(r)o Oficina atua e integra os espetáculos-ritos da Cia. Uzyrna Uzona, no projeto Das Bandas do Oficina e Oswaldianas Teato na cidade seca sobre rios. É autora do livro Labirintos da Cena pela All Print Editora.

MARCELO DALOURZI
ATOR



Marcelo Dalourzi é ator e cantor, formado pela Escola Livre de Teatro localizada em Santo André-SP. Iniciou carreira teatral em 2007, em A Paixão de

Cristo. Ainda em 2007, participou dos experimentos Brechtianos. Trabalhos: Um Homem é um Homem (2011), Auto Da Compadecida (2009). Série '9MM' São Paulo, no canal da Fox, episódio Açúcar ou Adoçante (2012). Comédia De Rabo Preso (2013). Ator e diretor do curta A Festa (2014). Peter em Fúria (2015). Em 2017 esteve em cartaz com o musical, É samba na veia, é Candeia no Teatro Oficina. Atualmente é integrante da Cia. do Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona onde atuou em Bacantes (2017) e Roda Viva (2018/2019).

VICTOR GALLY

DIRETOR DE CENA



Assistente de Produção, Produtor Executivo, Stage Manager, Diretor de Cena, Contrarregra e Ator, formado pela Escola de Teatro da UFBA. Na Bahia participou de montagens como Salomé de Oscar Wilde, assinando a assistência de produção e integrando o corpo de baile. Com Salomé participou do Festival Filte e ganhou o prêmio Braskem de Teatro. Em São Paulo atuou na Cia Os Satyros,

sendo dirigido pelo Rodolfo Garcia Vázquez, na peça: Satyros, Satyricon e Trincha, participando também por dois anos consecutivos da Satyrianas, como ator, produtor e diretor de cena. No grupo Teatro da Vertigem integrou a equipe técnica como contrarrega na peça: Bom Retiro, 958 metros. No Teatro Oficina, ao lado da diretora de cena Elisete Jeremias, produziu e coordenou por dois anos a Ala do Teatro juntamente com a Escola de Samba Nenê de Vila Matilde. Na Companhia dos Fofos em Cena cuidou da bilheteria e do bar, no foyer do teatro, na peça: Dar corda pra se enforçar e Marica. Com a mundana cia fez a assistência de direção de cena e contrarregragem na peça: O Duelo, participando de festivais nacionais e internacionais como Fringe em Edimburgo na Escócia e Festival Off de Teatro de Avion na França. Como maquinista fez o show do Fuerza Bruta no Brazil pela T4F. Assina a direção de cena do grupo Ao Casarão e EITA Ação Cultural. Como Stage Manager participou do musical Antes tarde do que nunca pela T4F.

Tony Reis

Artista convidado



Tony Reis é ator formado pelo Sesc Casa do comércio em Salvador-Ba. Atuou em diversos espetáculos, curtas, eventos. Em São Paulo onde reside, atuou nos espetáculos sob a direção de Marcelo Drummond O assassinato do Anão do caralho grande e Navalha na carne. Atua no Teat(r)o Oficina sob a direção de Zé Celso desde 2012, participando dos espetáculos da Cia. mais recentemente os históricos trabalhos da Cia. O Rei da Vela e Roda Viva. Atua no cinema, tv, publicidade e eventos.

Frases dos artistas

“Os personagens transitam em sonhos do passado e devaneios do presente sempre trazendo reflexos e projeções do futuro.”

Danielle Rosa

“Os personagens estão presos dentro de seus próprios devaneios, numa teia criada por eles a partir de um desejo de mudança.”

Marcelo Dalourzi

“É uma partitura de tempo/espço nos remetendo ao relacionamento pessoal, preso sem amarras no sentimento gerado pelas personagens.”

Victor Gally

“Fale Comigo muitas vezes parece um misto de sonho e realidade.”

Tony Reis



“É sempre um retorno ao começo!”